

Entre dores e amores

Angeli Rose

A semana passou arrastada. Não foi só pelas águas pluviais que correram pelas ruas, avenidas e montes do país, como Minas Gerais, São Luís, Goiás e, especialmente, do estado do Rio de Janeiro, na cidade Imperial, a reverenciada Petrópolis. A semana deixou de seguir seu fluxo em alguns momentos para aqueles que nos deixaram carregados pela urgência da lama fluida que levou sonhos, esperanças e desespero. Vidas interrompidas. Muitas.

Mas a semana também passou correndo ao festejar os 3 dias que há 100 anos um grupo de artistas realizou a Semana de Arte Moderna de 1922. Corrida semana para socorrer as vítimas da tragédia pluviométrica de Petrópolis. Acelerada como a Modernidade urbana estabeleceu de vez no cotidiano em fins do século XIX na Europa e início do século XX no Brasil.

Entre corridas e deslizamentos, alguns deles fatais, percebi vários de nós de maneira esquizofrênica vivendo o cotidiano imediato. Mas ambas as situações se nos apresentam com ambivalências. Na tragédia de Petrópolis também foi possível vislumbrar um momento de alumbramento: Pitoco vive! Sim. O cão de um senhor, publicitário e morador de região atingida pelas chuvas na cidade Imperial foi encontrado e carregado pelo dono amorosamente no colo para retornar (a sua casa?) a algum lugar de acolhimento, na condição de flagelado. Há também o regozijo por ter sobrevivido em meio a tantas águas, ainda que na memória perdue por muitos anos as cenas de pessoas menos "sortudas" empurradas pelas fortes e

brutais correntezas por entre as avenidas daquela cidade.



Fev. 16, 2022. Autor Pedro Rocha, reprodução da TV Globo [<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2022/02/16/chuvas-em-petropolis-publicitario-encontra-cao-apos-deslizamento-de-terra.html>]

A urbanidade sucumbiu à força da Natureza. Aquela mesma Modernidade que incluiu o Brasil no mapa das metrópoles aceleradas e voltada para o futuro, disparada pela cidade do Rio de Janeiro, então capital federal no início do século XX. Olhar as calçadas destruídas, centros comerciais devastados, pessoas desoladas, fila na porta do IML, à espera de novas listas (de corpos identificados), espera que lembra até a ansiedade de participantes do ENEM também à espera das listas de classificados. Entretanto, esperança que traz o vazio e a saudade e não o futuro a ser construído como os estudantes ainda têm pela frente. Nem vou comentar a viagem do atual Presidente do país à Rússia como pretensa forma de intervenção ou influência na questão da invasão ou não da Ucrânia. Poderia, porque, afinal, estamos mergulhados numa tragédia política desde... (Deixa quieta!)

Numa outra direção, os jornais aclamaram intensamente o Centenário da Semana de 22, de motivação justa, porém, de feição exagerada e até em certa medida artificial em alguns

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

casos. Foi em São Paulo a realização, no Teatro Municipal de São Paulo, de 13 a 17 de fevereiro. Curiosamente, uma "semana" de menos de 7 dias. A frase legendária de Mario de Andrade: "O modernismo só poderia ser importado por São Paulo e arrebentar aqui". Há controvérsias, claro. Mas há de se concordar que de fato a cidade de São Paulo estava ainda no início do processo de modernização, modificando a paisagem urbana que a inscreveria no cenário metropolitano ocidental, portanto, exigia uma ação também no campo cultural de impacto. Enquanto que o Rio de Janeiro, como muito bem mostra Ruy Castro em seu livro *Metrópole à Beira-Mar*. O rio moderno dos anos 20, comentado na semana passada, já era uma cidade moderna com processo de modernização iniciado muito antes da Semana de 22.

Aliás, sugiro ao leitor e à leitora que assistam com calma o Fla/Flu do Roda Viva, digo, o programa da 2ª. feira retrasada com Ruy Castro. A mesa predominantemente paulistana confrontou diversas vezes o biógrafo e jornalista por seu posicionamento tão polêmico e dissonante em relação à Semana de 22. Contudo, motivo de celebração, sem dúvida, tem sido olhar o passado e ir à busca dos repiques no presente estético e político. Afinal, "escovar a história à contrapelo", como nos ensinou Walter Benjamin - um dos maiores filósofos do século XX - é o mínimo que o pensamento crítico estruturado pode e deve fazer.

E nessa divisão de sentimentos e experiências de pensamento e olhares, segui a semana, observando como minhas amigas também se viram como pêndulos emocionais, ora em total deprê por Petrópolis, ora em efusivo ânimo para acompanhar os

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

comentários sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna que antecipa os Bicentenários de Maria Firmina dos Reis e da Independência do Brasil. Essa ambivalência é uma característica da Modernidade em nossas vidas e cenas culturais há tempos, como bem desenvolveu o sociólogo Zigmunt Bauman em sua obra. "Tudo tem dois lados". Será? Mas isso é prosa pra outra semana!



[<https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2022/02/alem-de-tarsila-e-anita-conheca-mulheres-da-semana-de-arte-moderna-de-1922.html>] Mulheres artistas que participaram da Semana de 22 e do Modernismo.

Deixo aqui minha solidariedade à população de Petrópolis e seus familiares, assim como junto às amigas e aos amigos mobilizo-me nos inúmeros postos espalhados pelas cidades vizinhas para conseguir donativos e organizá-los.

E congratulo-me com artistas, ativistas culturais e pesquisadores que têm contribuído para "escovar a história a contrapelo", nos festejos que redimensionam e questionam a ausência preta e na semana de 22, assim como a ausência dos compêndios e catálogos oficiais de mulheres artistas, ou os discursos que evitam falar da presença gay no mesmo contexto. Enfim, incluo-me nesse pêndulo, quase esquizofrênico, a que nos vemos submergidos enquanto debulhamos os milhos de um

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

celeiro de realizações e talentos a serem ainda descobertos ou divulgados pela pauta midiática, a partir dos trabalhos consistentes de especialistas que têm se debruçado sobre os referentes da Semana de Arte Moderna de 1922, a Exposição da Independência no Rio de Janeiro e os Modernismos brasileiros. Quem sabe, para com isso construir um futuro em que a desigualdade social aguda seja dirimida pela potência das artes manifestas do passado e do plural presente.

Deixo o poema autoral, publicado em Ecos Brasil, editora Infinita, Lisboa: 2021, organização Adriana Mayrinck:

O CANTO PERDIDO

Angeli Rose

A voz disparou no ar
Alcançou almas, dançou.
Estancou minhas tristezas
Corações, soube cativar

Mas quis o chão que caísse
Sob os escombros das águas
Cachoeirada de Oxum
Menina doce, faceira

Foi-se embora sem eira
Ou tempo de dizer Adeus
Virou estrela no céu
Deve driblar até hoje
O manto da morte mor